

Palavra território: música e liberdade

GTE 07 - Educação Musical e Pedagogia

Comunicação

*Bianca de Oliveira Cardoso
UNISC- PROSUC/CAPES
bianca.oliveiracardoso@gmail.com*

*Dulcimarta Lemos Lino
FACED/UFRGS
dulcimartalino@gmail.com*

*Luciane Heinski
FACED/UFRGS
luheinski@yahoo.com.br*

Resumo: O ensaio apresenta narrativas constituídas na pesquisa “Educação Musical na formação de professores dos cursos de graduação em pedagogia gaúchos”. Aproxima estudos em torno da dimensão poética da música na infância para abordá-la como fio provocador da arte docente na rede municipal de São Leopoldo (RS). Interroga as palavras território e liberdade como modo estésico de coexistir no mundo, convivência experimentada nos processos de escuta e criação musical compartilhados na formação continuada de professores da educação básica. Conjuga a palavra território como liberdade, ação brincante que tatua a presença da música na escola.

Palavras-chave: Formação de professores em música; Educação musical na escola; Música e formação.

Introdução

O ano pandêmico de 2020 fora marcado por diversos desafios e enfrentamentos. O isolamento social impôs o distanciamento físico, mas trouxe ao Grupo de Pesquisa Escuta

Poética¹ a possibilidade de estudos em um ritmo mais intenso, aproximando nossos pensares e ações com a música na infância. Assim, continuamos um percurso de estudos criados no espaço de formação em educação musical da Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo (RS), iniciado com a investigação “Educação Musical nos cursos de graduação em pedagogia gaúchos: processos de escuta e criação na experiência de barulhar” (LINO, 2020)².

Vivendo o presente no presente (KOHAN, 2020), experimentamos no Grupo de Pesquisa o tempo na concepção dos povos guaranis amazônicos, “*arandú*” (HOYELOS, 2015, p.47), o tempo do(s) sentido(s). Tempo como produto das feitura corporais que produzem sentidos em narrativas constituídas em convivência. Um tempo da infância miacoutiano, “quando ainda não é demasiado tarde [...] quando ainda estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar” (COUTO, 2011, p.43).

Neste tempo fomos presença! Ensaíamos modos de estar no coletivo, mesmo que virtualmente, brincando e amando: fundamentos vinculares essenciais do humano, como nos lembra Maturana (2004). Pois, aprender a pensar juntos, como construir uma maneira de viver juntos (GARCÉS, 2019) se impôs como prioridade durante os encontros de formação experimentados na pandemia. Cotidianamente conversamos, entendendo que a existência humana acontece no espaço relacional do conversar (MATURANA, 2004), de estarmos *uns-com-os-outros* (NANCY, 2006) juntos.

Se conversar é urgente, como nos diz Reys (2012), escutar é fundamental. Para além de ouvir, que segundo Nancy (2007) entende-se como compreensão prévia de um som determinado, escutar coloca-se como “gesto de abertura ou acesso ao som do sentido que ressoa” (RICHTER; LINO, 2019, p.14). Assim, “estando à escuta” (RICHTER; LINO, 2019)

¹ Constituído na Faculdade de Educação da UFRGS sob coordenação de Dulcimarta Lemos Lino em 2017 o Grupo de Pesquisa Escuta Poética é vinculado ao Departamento de Estudos Especializados da UFRGS e ao Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos. Tem como objetivo investigar a dimensão musical do fazer pedagógico na escola, criando proximidade entre formação e profissão, entre instituições de ensino superior e escolas e, entre acadêmicos, professores universitários e professores de terreno para afirmar *SOMOS MÚSICA EM ESTADO DE ENCONTRO*. Investimos na promoção de posturas solidárias e coletivas, resistindo e enfrentando a compartimentação disciplinar ao aproximar a universidade das escolas, os músicos dos pedagogos e movimentar os processos de escuta e criação musical na experiência de Barulhar. Buscamos interlocução intra e interinstitucional entre adultos e crianças para enredar colaborativamente educação musical na formação inicial e continuada de professores desde a pedagogia e potencializar a imaginação criadora.

² Pesquisa desenvolvida na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 2017 até 2020, n.32841, sob coordenação de Dulcimarta Lemos Lino.

enquanto modo de ser e estar no mundo, o Grupo de Pesquisa Escuta Poética se arriscou a “estrear palavras e reinventá-las” (REYS, 2012, p.26), gesto poético que foi tatuando nosso ser singular plural (NANCY, 2006).

Ao nos escutarmos, neste “gesto de generosidade para com a palavra e a música do outro” (KOHAN, 2018, p.200), compomos as nossas “palavras brinquedo” (LINO, CARDOSO, 2021)! Elas surgiram de nosso modo estésico de coexistir no mundo, estando juntas na tela virtual, ou melhor, no exercício larrosiano (2018) de conversar no pequeno grupo de afetos, conversar com os colegas professores da educação básica, conversar com os professores da universidade através do Grupo de Pesquisa Escuta Poética e do Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos e com as infâncias que nos habitam. Além das crianças e das famílias com as quais tivemos o prazer de conviver virtualmente na pandemia! Assim, o presente artigo destaca a palavra território que conjugamos como liberdade, exercício cotidiano de produzir narrativas com música na escola pública gaúcha ao compartilhar, artesanalmente, os processos de escuta e criação musical constituídos na experiência de “Barulhar” (LINO, 2008) em curso de formação na rede.

Definimos que a palavra barulhar é a música da infância, dimensão lúdica e lúcida encarnada no corpo que experimenta o mundo, *sonoro e musical, como linguagem em pensamento*. Uma ação brincante que “duplica, separa, divide, possui e perde, concorda sem confundir, numa identidade sem superposição, numa diferença sem contradição” (LINO, 2020, p.111). Gesto poético que pelo poder encantatório do som e do silêncio pôde movimentar a produção de sentidos como música na escola pública. Essa instituição onde trabalhamos, espaço-casa cheio de língua e linguagem que surge para viver a experiência do ‘tempo’. Habitamos a escola pública para tocar “o tempo livre de estudo e da prática oferecido às pessoas que não tinham nenhum direito a ele (...), uma fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como bem comum” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.9). A música na escola carrega o comprometimento com o dar-se tempo ao exercício de mundo, lugar que sustenta, acompanha e interroga as ex-posições, as ex-cursões, as ex-periências. Ela intencionalmente provoca tempos de habitar e conjugar territórios em linguagem.

Palavra Território

Pela palavra, fomos convidados pela Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo a compor uma formação em educação musical para os professores da educação básica. Nas redes da internet, recheadas de códigos e sistemas, acessamos a plataforma Moodle e encontramos virtualmente 411 professores em formação. Nascia a formação “Barulhar: a música da infância” (SMED/SL³, 2020). Naquele momento ainda não tínhamos consciência, mas a palavra território começava a criar corpo, conjugando ação coletiva de liberdade daquele pequeno grupo de professores envolvidos na produção artesanal do curso.

A liberdade, para Hannah Arendt (2007) não é produto de uma atividade humana, mas potencialmente ação, tomada de iniciativa para começar algo. Esta ação pode ser comparada ao nascimento, pois ao nascer, algo “unicamente novo” vem ao mundo (ARENDR, 2007, p.178). Assim, nossas “palavras e ações”, fenômeno da liberdade que *Com Posição* (CARDOSO, 2020) produzimos, acabaram inaugurando outros modos de conceber a música na rede municipal de São Leopoldo. Tocamos a ação brincante de barulhar porque criamos, sustentamos e acompanhamos os processos de escuta e criação musical oferecidos no curso em rede virtual, onde inauguramos a interlocução entre acadêmicos, “professores de terreno”⁴, técnicos da secretaria, músicos e pesquisadores.

Conversando em rede nos expusemos ao risco da própria vida e conjugamos proximidade e cumplicidade, onde a disponibilidade, a simpatia e a potência do grupo responsável pela formação evidenciavam uma abertura às provocações imersas na música, na infância e na educação como *criação* e *composição da docência*. Enlaces entre teoria e prática, entre realidade e imaginação, entre político e pedagógico, entre adaptação ao sistema e tentativa de modificação do mesmo, mas em rede navegamos.

Partimos do **risco** que nos conectava afetivamente à própria vida, **habitar** com música a escola pública gaúcha, sopro que na pandemia mostrara como a música cria e interpela dimensões políticas, epistemológicas e éticas cada vez mais complexas em educação. Se o curso de formação se tornou espaço sagrado e ritual de experimentação

³ Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo (SMED/SL).

⁴ Formozinho define professores de terreno como os profissionais que estão cotidianamente junto às crianças nas escolas públicas (FORMOZINHO, 1987).

sonora e pensamento às práticas comunais compartilhadas entre professores da educação básica, também revelaram códigos comportamentais e estruturas de poder normatizadas na escola.

Ao reafirmar “que *professores-pedagogos são importantes à educação musical* porque sua formação inicial e continuada articula saberes na escola desde a experiência de “barulhar” (LINO, 2020a, p.134), advogamos pela *música em estado de encontro* como dinamismo de nossas profundas e complexas ações. Tentamos produzir um curso que pudesse “educar no limite do risco” (SCHAFER, 1991, p. 277), compreendendo com o compositor que “arte é vida e a vida é arte” (SHAFER, 1991, p. 277) e ela tem o poder de evocar a singularidade e a pluralidade da própria vida imediatamente, sem traduções no tempo presente. Ritmo das feitura corporais e da escuta dos pilares da insistência que cuida e cura, pretendendo ser ao mesmo tempo individual, coletiva e histórica, porque **criação** (LINO, 2021, p.5).

Criação que tocara a vida comum, daquele pequeno grupo de professores, também na pandemia! Não a partir da matriz romântica e idealizada de criação como obra de uma genialidade estética individualizada, fora do comum, sob a égide das *belas artes* ou do talento e da perfeição artística. Mas criação como gesto político e pedagógico da vida ordinária. Criação que é vida porque corpo no mundo, potência do exercício de compor, expor e compartilhar tempos e espaços de (r) existência.

No coletivo do grupo responsável pela formação sublinhamos que nosso fazer era inseparável da afirmação: *somos música em estado de encontro*. Inicialmente propusemos inúmeros encontros e conversações apenas entre o grupo de trabalho com o intuito de esclarecer precisamente o objetivo do curso. Pretendíamos tocar a formação em educação musical dos professores da rede no sentido de fazê-los capazes e potentes de compor, escutar e promover a sua narrativa com música no cotidiano da sala de aula. Somente após a definição dessa proposição, como um modo legítimo de relação que sempre implica estar à escuta, dar ouvidos, prestar atenção às vivências e falas do coletivo, conjugamos a música como esta “palavra-corpo, que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e asfixia” (SKLIAR, 2011, p.30).

Assim, com a palavra SOMOS⁵ iniciamos a compor o abecedário do curso. Entendemos que a música é para todos e não apenas para alguns privilegiados, experiência que habita as feições corporais para ludicamente expor distintas narratividades. A partir desta palavra fomos colecionando outras tantas que afirmavam nosso território e compromisso político e pedagógico enumerando prioridades, desafios e enfrentamentos como músicos, acadêmicos, educadores, pesquisadores. Todas essas palavras ecoavam a liberdade da artesanaria, do trabalho feito no coletivo com as próprias mãos a partir das disponibilidades e emergências do entorno. Só então, escolhemos a plataforma mais adequada para alcançar e envolver a formação e iniciamos a organizar o roteiro de nosso planejamento. Dividimos as tarefas do curso na plataforma virtual em outros três grandes gestos: criar, sustentar e acompanhar os professores em formação. A equipe foi composta por diferentes núcleos de ação que se responsabilizaram pela gestão, desenvolvimento e adequação do roteiro através de cada um de seus módulos de desenvolvimento, buscando sempre sublinhar as qualidades individuais de cada participante do grupo.

Neste contexto, fomos “tentando nos aprender” (LINO, 2020) e decidimos dar o primeiro passo, aceitar o convite da Secretaria Municipal de Educação e montar o curso de formação de professores em educação musical. Ocupamos o espaço político e pedagógico disponibilizado com a convicção de que nossa contribuição demarcava uma narrativa em construção, aberta, flexível, inacabada, mas presença potente de um coletivo. Assim, definimos que o curso seria estruturado a partir da concepção do movimento simultâneo de três gestos fundantes do professor artesão larrosiano: tempo, espaço e materialidade (LARROSA, 2018). Como materialidade tomamos tanto as sonoridades (aquelas expressões de sons, ruídos, silêncios e paisagens sonoras que ainda não foram organizadas como música) como as músicas (expressão organizada por diferentes povos e civilizações dentro de uma forma. Especialmente a música feita por pessoas vivas, bem pertinho de nós!). No quesito tempo e espaço dispusemos de 40 horas virtuais na plataforma moodle onde criamos múltiplas formas de nos encontrar e conversar com os professores com lives, fóruns, chats, vídeos, escuta de cds e concertos, leitura de livros e realização de atividades postadas. Além disso, criamos no curso o espaço: da biblioteca virtual, onde disponibilizamos repertório para ampliar e fortalecer o cardápio sonoro escolar dos professores; da cidade

⁵ Somos, uma palavra palíndromo, isto é, aquela palavra que permanece igual, indiferentemente de ser lida de traz para frente, de cima para baixo, ou da esquerda para a direita.

sonora, onde os participantes postavam suas memórias e narrativas sonoras e musicais de vida, além de realizar uma cartografia das músicas da cidade de São Leopoldo; e, do quero saber mais, onde os participantes escreviam seus desejos e necessidade de aprofundamento. Dessa forma, tentamos “*estar com*” (NANCY, 2006) o grupo em formação, bem como conhecer suas narrativas.

O material formativo, artesanalmente organizado pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Escuta Poética, do Programa de Extensão Piá e da equipe da Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo fora organizado em sete módulos mensais. O primeiro intitulado *Acordes Fundantes* (abrangendo prioritariamente a legislação atual, os processos de escuta e criação em educação musical). O segundo módulo *Barulhar*, procurou conceitualizar a música da infância, o brincar com sons, silêncios e coerências musicais. O terceiro módulo abordou exemplos de parlendas, brincos, acalantos, histórias, poesias, canções, fórmulas de escolas, entendidas como *Palavras Sonoras*, além de movimentar pensares sobre possibilidades no planejamento em educação musical, com ênfase nos jogos de improvisar, compor e se apropriar de repertórios da música tradicional da infância brasileira, sustentados pela *Escuta e Criação*. O quarto módulo, *Cardápio Sonoro 1*, ressaltou a música dos povos originários. Na sequência, no *Cardápio Sonoro 2*, trouxemos à baila, as africanidades que nos habitam, buscando mapear as origens de nossa ancestralidade negra do sul. Nos módulos finais do curso de formação, sugerimos audições de performances à infância produzidas regional e nacionalmente.

Por fim, convidamos os participantes a produzir um vídeo, a fins de avaliação, barulhando, ou melhor, convidando-os a expor seu envolvimento com a música da infância, abordada no contexto formativo. Após a conclusão do curso, o grupo de técnicos da secretaria também se responsabilizou pela disponibilização do mesmo na plataforma YouTube da rede, no canal do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal⁶. Tal procedimento foi de vital importância à avaliação do curso pela equipe formadora, porque nos convocou a conjugar a palavra “errância”. Tendo o curso diante dos olhos na plataforma digital, começamos a empreender “novas” narrativas à composição da docência e aprender a (re) conhecer que o caminho se faz ao andar, onde a ação de refazer torna-se exercício fundante da experiência docente. Nessa ação, a importância de criar, sustentar e

⁶ NTM: <https://www.youtube.com/c/NtmSaoleo/playlists>.

acompanhar um projeto, mas também de se entregar aos processos de escuta e criação articulados no coletivo de afetos de um grupo, nos interpelaram à complementariedade sem fronteiras ou demarcações entre um e outro. Precisamos urgentemente viver processos com música na escola, construir projetos de formação na escola, fazer valer as leis que operacionalizam a obrigatoriedade da música na escola. Precisamos especialmente compor redes em nosso território pela defesa do direito à educação musical na infância.

Palavras finais

O curso de formação em educação musical, “Barulhar: a música da infância”, proposta para os professores da rede municipal de São Leopoldo, motivou-nos a pronunciar no pequeno grupo responsável pela formação a palavra território. Essa palavra que é nos tão cara, porque diz de nós, da nossa gente e de nosso chão! Ao habitarmos o território de São Leopoldo, encontramos a música como palavra no Documento Orientador do Currículo do Território de São Leopoldo (SÃO LEOPOLDO, 2021) e na Resolução do CME nº 13, de 12/12/12, que torna obrigatória a presença da música em todas as escolas municipais. Neste território habita também a ação, enquanto movimento formativo de professores e atuação da docência nas escolas. Aqui, vivemos a palavra território como liberdade, gesto político e pedagógico que fez a música presente na formação de professores. Tal feitura corporal também se disponibilizou como língua e linguagem àqueles participantes que se envolveram na proposta e acabou movimentando e fortalecendo algumas narrativas docentes já instituídas e fortalecendo a potência para inaugurar outros começos.

Assim, a música pôde se fazer escola em algumas narrativas docentes. Uma escola que se configura como o “arranjo para oferecer aos ‘menores’ (e talvez também minorias) ao mesmo tempo a oportunidade de encontrar ou definir o seu próprio destino (isto é, tornarem-se alunos ou estudantes) e de questionar direta ou indiretamente o que os ‘adultos’ (ou outras maiorias) valorizam e lhes apresentam” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 17). Ao manter como logos pedagógico a artesanaria de uma formação, sublinhamos a potência inventiva singular e plural do grupo formador e dos participantes do curso, que se dá tanto no combate aos modelos educacionais padronizados quanto ao enfraquecimento de esperanças. Como afirma Arnaldo Antunes (2021) “o real resiste”, estamos em grupo e como coletivo fomos provocados ao exercício da interrogação, experiência propiciada pelas

vivências musicais criativas, autênticas e propositivas que trilhamos para tocar nossa casa. Pela música, fomos convocados a interrogar as palavras território e liberdade como modo estésico de coexistir no mundo, convivência experimentada nos processos de escuta e criação musical compartilhados: ação brincante que tatuou presença crítica na escola e provocou continuidade na formação.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. *Algo Antigo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

ARENDR, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FORMOSINHO, João (Org.). *O currículo uniforme pronto-a-vestir de tamanho único*. Mangualde: Edições Pedagogo, 1987.

GARCÉS, Marina. **Educacion y Emancipación**. Palestra na 45ª FERIA INTERNACIONAL DEL LIBRO de Buenos Aires 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OjZrjbJh5o&ab_channel=Entrecomillas>

HOYELOS, Alfredo. Os tempos da infância. In: FLORES, Maria Luiza; ALBUQUERQUE, Simone (org.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

KOHAN, Walter Omar. Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever? *Mnemosine*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 53-66, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52682>. Acesso em: 25 out. 2020.

LARROSA, Jorge. *P de Professor*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. *A educação musical na formação de professores dos cursos de Graduação em Pedagogia gaúchos: escuta e criação na experiência de barulhar*. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2020.

_____. *Música na Escola: conversações em criação*. Pesquisa em Andamento. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2021.

LINO, Dulcimarta Lemos. CARDOSO, Bianca de Oliveira. Palavra-brinquedo: corpos no som. In: LIMA, Samantha Dias de. *Notas sobre o brincar* [recurso eletrônico]: experiências na constituição de uma biblioteca. Estância Velha: Z Multi editora, 2021. Disponível em < https://issuu.com/zmultieditora/docs/notas_sobre_o_brincar-zmultieditora >

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte, 2013. (Coleção Experiência e Sentido).

MATURANA, Humberto. ZOLLER-VERDEN, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. (trad. Rodrigo Petronio). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. *Estar à escuta: música e docência na educação infantil*. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-24, out. 2019.

SÃO LEOPOLDO. Conselho Municipal de Educação. *Resolução CME/CNEF nº 13, de 12 de dezembro de 2012*. Torna obrigatório o ensino da música no componente curricular – arte, nas escolas pertencentes ao sistema Municipal de Ensino de São Leopoldo.

SÃO LEOPOLDO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. *Documento orientador do currículo do território de São Leopoldo/RS: princípios e concepções*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2021.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

NANCY, Jean-Luc. *Ser singular plural*. Madrid: Arena Libros, 2006.